



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0268/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 02/10/2025**

Reunião de Líderes de Munique é aberta no Reino da Arábia Saudita para discutir plano de paz em Gaza



O Reino da Arábia Saudita, que sediou a conferência internacional de segurança pela primeira vez, destacou o seu papel na facilitação do diálogo regional e da diplomacia.

Altos funcionários do Médio Oriente e da Europa se reuniram ontem quarta-feira em AlUla, para a Reunião de Líderes de Munique (MLM), parte da Conferência de Segurança de Munique, para discutir a segurança regional e o plano de paz de Gaza apoiado pelos EUA.

A sessão de abertura reuniu líderes da Jordânia, Egito, Reino da Arábia Saudita e França, com um painel focado na proposta de 20 pontos do presidente Donald Trump para Gaza e esforços mais amplos para estabilizar a região. Os palestrantes incluíram os ministros das Relações Exteriores do Egito, Reino da Arábia Saudita e Jordânia, bem como o enviado francês ao Líbano. Quando perguntados se o público acreditava que o plano dos EUA poderia ser implementado, apenas cerca de 10% levantaram a mão. "Com a proposta dos EUA sobre Gaza, há um vislumbre de esperança para uma solução diplomática. Muitos desafios permanecem, e um trabalho diplomático árduo será necessário de todas as partes envolvidas para aproveitar esse momento", disse o presidente da Conferência de Segurança de Munique, Wolfgang Ischinger. O evento reuniu cerca de 100 altos funcionários, com sessões focadas em cooperação multilateral, diplomacia regional e resolução de conflitos. A agenda também incluiu discussões sobre

segurança alimentar global, clima e segurança energética, juntamente com esforços para enfrentar esses desafios. O Reino da Arábia Saudita, que sediou a conferência internacional de segurança pela primeira vez, destacou seu papel na facilitação do diálogo regional e da diplomacia. **Fonte-Arab News.**

Mimistros das Relações Exteriores saudita e sírio conversam durante reunião de Líderes de Munique em AlUla



Príncipe Faisal bin Farhan e Assad Al-Shaibani.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, e O seu homólogo sírio, Assad Al-Shaibani, discutiram maneiras pelas quais as relações entre os seus países podem ser aprimoradas durante conversas ontem quarta-feira à margem da Reunião de Líderes de Munique em AlUla. Eles revisaram as relações entre Riade e Damasco e discutiram maneiras de reforçar a segurança e a economia da Síria para ajudar a cumprir as aspirações de seu povo, informou a Agência de Imprensa Saudita. Cerca de 70 participantes de alto nível de todo o mundo se reuniram em AlUla esta semana, quando o Reino da Arábia Saudita sedia uma Reunião de Líderes de Munique pela primeira vez. É organizado pela Conferência de Segurança de Munique, que foi fundada em 1963 e se reúne em fevereiro de cada ano na Alemanha, reunindo altos funcionários do governo, funcionários de segurança e especialistas em políticas para discutir questões de segurança internacional e política externa.

Também na Reunião de Líderes de Munique, ontem, quarta-feira, Al-Shaibani participou num painel de discussão sobre a transição na Síria após a queda do presidente Bashar Assad, durante o qual os participantes alertaram sobre os riscos de interferência estrangeira e o ressurgimento do Daesh. Enquanto isso, o ministro de Estado saudita das Relações Exteriores, Adel Al-Jubeir, juntou-se a um painel de colegas ministros da região para discutir o plano de paz do presidente dos EUA, Donald Trump, para Gaza, revelado em Washington na passada segunda-feira após sua reunião na Casa Branca com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu. Os estados da região apoiaram a proposta de Trump para a paz em Gaza após quase dois anos de bombardeio pelas forças israelenses.

A Reunião de Líderes de Munique em AlUla, que começou na passada terça-feira e termina hoje quinta-feira, está se concentrando na situação de segurança no Médio Oriente e suas implicações geopolíticas. A Conferência de Segurança de Munique disse que o Reino da Arábia Saudita "está na encruzilhada de muitas dinâmicas regionais e internacionais" e, portanto, a reunião em AlUla é "oportuna", dados os recentes conflitos na região e o crescente papel do Reino como pacificador. "Nos últimos meses e anos, (o Reino da Arábia Saudita) tem sido repetidamente palco de diferentes esforços ou iniciativas de mediação diplomática", acrescentou. O Ministério das Relações

Exteriores do Reino da Arábia Saudita disse: "O facto de o Reino sediar a conferência ressalta seu compromisso com o princípio do diálogo internacional e com o fortalecimento da cooperação em questões regionais e internacionais". **Fonte-Arab News.**

Ministro saudita de TI se reúne com ministros sul-africano e finlandês



O ministro das Comunicações e Tecnologia da Informação do Reino da Arábia Saudita, Abdullah Al-Swaha, reuniu-se com o ministro sul-africano das Comunicações e Tecnologias Digitais, Solly Malatsi, na Reunião Ministerial do Grupo de Trabalho de Economia Digital do G20 na Cidade do Cabo, África do Sul.

As palestras se concentraram no fortalecimento de parcerias na economia digital, inteligência artificial e empoderamento de jovens e empreendedorismo. Al-Swaha também se reuniu com o ministro dos Transportes e Comunicações da Finlândia, Lulu Ranne, e discutiu o fortalecimento da cooperação em infraestrutura digital e a ampliação de parcerias em tecnologias emergentes. **Fonte-Arab News.**

Ministério da Saúde saudita ganha prêmio da ONU por iniciativas de bem-estar



A designação de Jeddah pela OMS como uma cidade saudável é o culminar do esforço da cidade costeira do Mar Vermelho para melhorar os serviços de saúde e promover um estilo de vida saudável e activo.

O Ministério da Saúde do Reino Saudita ganhou o Prêmio da Força-Tarefa Interagências da ONU 2025 por suas políticas abrangentes e inovadoras para lidar com a obesidade e doenças não transmissíveis, de acordo com a Agência de Imprensa

Saudita. O prêmio foi concedido ao Ministério da Saúde pela Organização Mundial da Saúde e pela Força-Tarefa Interagências da ONU sobre Prevenção e Controle de Doenças Não Transmissíveis. A cerimônia ocorreu na 10ª reunião anual dos Amigos da Força-Tarefa na cidade de Nova York, realizada durante a recente 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU. Mencionados no prêmio foram o aplicativo Sehhaty do Ministério da Saúde e o Hospital Virtual Seha, que é o maior serviço desse tipo do mundo.

Também foram citadas iniciativas comunitárias, incluindo o Programa Cidades Saudáveis e o Walk 30, que envolveram mais de 1 milhão de cidadãos, bem como políticas nutricionais que impõem um imposto sobre bebidas adoçadas e eliminam as gorduras trans industriais. A OMS também reconheceu o Ministério da Saúde por criar um comitê ministerial para Saúde em Todas as Políticas para integrar considerações de bem-estar. "O reconhecimento ressalta o rápido progresso no sector de saúde e fortalece o papel do Reino da Arábia Saudita nos esforços para prevenir DNTs e promover os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável relacionados à saúde".

O Seha Virtual Hospital da Arábia Saudita foi reconhecido pelo Guinness World Records como a maior iniciativa médica on-line do planeta, liderando o caminho na transformação da acessibilidade e eficiência da saúde por meio da inovação digital. A instalação, ligada a mais de 200 hospitais em todo o Reino, está remodelando o atendimento ao paciente, eliminando limitações geográficas e integrando soluções avançadas de inteligência artificial.

Dezesseis cidades do Reino foram designadas como Cidades Saudáveis de acordo com os critérios da OMS. Jeddah e Medina se destacam como as primeiras cidades do Médio Oriente. A conquista é atribuída a melhorias contínuas em segurança, saúde, desenvolvimento de infraestrutura e fornecimento de instalações públicas modernas.
Fonte-Arab News.

Transportadora de baixo custo saudita flyadeal inicia serviço para Damasco



A companhia aérea saudita de baixo custo flyadeal iniciou voos directos para Damasco, restabelecendo as ligações aéreas entre os dois países após um período de serviços suspensos. O voo inaugural, partindo de Jeddah em 1º de outubro, foi recebido por Abdullah Al-Harith, vice-embaixador saudita na Síria, no Aeroporto Internacional de

Damasco. A companhia aérea recebeu aprovação regulatória no início deste ano para operar na Síria, com o CEO Steven Greenway anunciando um lançamento planejado em julho. A mudança faz parte de uma tendência regional mais ampla, com companhias aéreas como flynas, FlyDubai e Royal Jordanian também retomando os serviços para Damasco. O retorno das transportadoras internacionais seguem as recentes decisões dos EUA e da UE de suspender as sanções econômicas de longa data à Síria, permitindo novas oportunidades de comércio, turismo e investimento. **Fonte-Arab News.**

EUA oferecem garantias de segurança ao Qatar após ataques de Israel, diz Casa Branca



O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, conversou com o Emir do Catar após o ataque israelense a Doha no mês passado.

Os Estados Unidos considerarão "qualquer ataque armado" em território do Qatar como uma ameaça a Washington e fornecerão garantias de segurança ao país do Golfo Pérsico, disse a Casa Branca, após um ataque israelense ao país no mês passado.

"À luz das contínuas ameaças ao Estado do Qatar representadas pela agressão estrangeira, é política dos Estados Unidos garantir a segurança e a integridade territorial do Estado do Qatar contra ataques externos", segundo uma ordem executiva assinada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, na passada segunda-feira. No caso de um ataque ao Qatar, os Estados Unidos "tomarão todas as medidas legais e apropriadas - incluindo diplomáticas, econômicas e, se necessário, militares - para defender os interesses dos Estados Unidos e do Estado do Qatar e restaurar a paz e a estabilidade".

O Ministério das Relações Exteriores do Catar disse em um comunicado que o país "saúda a assinatura da ordem executiva do presidente dos EUA reconhecendo os ataques em seu território como uma ameaça à paz e segurança americanas". O acordo ocorre após um ataque israelense ao principal aliado regional dos EUA em 9 de setembro, visando autoridades do grupo armado palestino Hamas que discutiam uma proposta de paz dos EUA para a guerra em Gaza. O Qatar é um importante aliado dos EUA no Golfo e abriga a maior base militar dos EUA na região em Al-Udeid, que também inclui um quartel-general regional para elementos do Comando Central dos EUA. **Fonte-Reuters.**

Irão pode retirar-se do tratado nuclear após a reimposição das sanções da ONU, diz legislador



Um clérigo atravessa a rua Enqelab-e-Eslami (Revolução Islâmica), em Teerão, Irão, sábado, 27 de setembro de 2025.

Um legislador iraniano afirma que Teerão está a considerar retirar-se do tratado nuclear devido à reimposição de sanções da ONU, desencadeada pela França, Alemanha e Reino Unido, referindo que o parlamento irá também deliberar, se o país irá ou não procurar obter armas nucleares. Os legisladores iranianos ponderaram no passado domingo a forma de responder às sanções impostas pela ONU ao seu programa nuclear, que entraram em vigor à meia-noite do passado domingo, com um parlamentar a sugerir que Teerão poderia potencialmente retirar-se do Tratado de Não Proliferação Nuclear. As sanções voltam a congelar os activos iranianos no estrangeiro, suspendem os negócios de armas com Teerão e penalizam qualquer desenvolvimento do programa de mísseis balísticos do Irão, entre outras medidas.

As sanções foram impostas através de um mecanismo conhecido como "snapback", incluído no acordo nuclear de 2015 entre o Irão e as potências mundiais, e surgem numa altura em que a economia iraniana já está a cambalear. O rial iraniano (moeda local) encontra-se actualmente num nível recorde de baixa, aumentando a pressão sobre os preços dos alimentos e tornando a vida quotidiana muito mais difícil. Os preços dos produtos essenciais para as famílias iranianas, como a carne, o arroz e outros produtos de base para o jantar, dispararam. Entretanto, as pessoas receiam que possa eclodir uma nova ronda de combates entre o Irão e Israel, bem como, potencialmente, os Estados Unidos, uma vez que as instalações nucleares atingidas durante a guerra de 12 dias em junho parecem estar agora a ser reconstruídas. **Fonte-Euro News.**

Irão executa mais um alegado espião israelita num contexto de aumento das penas de morte



A execução ocorreu depois de o Irão ter prometido enfrentar os seus inimigos, após as Nações Unidas terem reimposto as sanções contra Teerão por causa do seu programa nuclear, este fim de semana. O Irão declarou, na passada segunda-feira, ter executado um homem acusado de espionagem a favor de Israel, a última de uma recente vaga de penas de morte aplicadas pelo regime de Teerão.

A agência de notícias iraniana Mizan, porta-voz oficial do poder judiciário, afirmou que o homem, identificado como **Bahman Choobiasl**, era "um dos mais importantes espiões de Israel no Irão". Esta é a décima execução desde o conflito de 12 dias com Israel em junho. A agência noticiosa afirmou que Choobiasl teria trabalhado em "projectos sensíveis de telecomunicações" e relatado sobre as "rotas de importação de dispositivos electrónicos", sem apresentar provas.

O caso de Choobiasl não foi mencionado em anteriores relatos dos meios de comunicação social iranianos, nem era do conhecimento de activistas no estrangeiro que monitoram as execuções por pena de morte em Teerão. A execução ocorreu depois de o Irão ter prometido enfrentar os seus inimigos, após as Nações Unidas terem reimposto as sanções contra Teerão devido ao seu programa nuclear, este fim de semana. No início deste mês, o Irão executou **Babak Shahbazi**, que alegadamente também espiava para Israel. Os activistas contestam este facto, afirmando que Shahbazi foi torturado e obrigado a fazer uma falsa confissão depois de ter escrito uma carta ao presidente ucraniano, Volodymyr Zelenskyy, oferecendo-se para lutar por Kieve.

Teerão tem sido um dos apoiantes da invasão total da Ucrânia pela Rússia, nomeadamente fornecendo a Moscovo os seus drones Shahed, actualmente utilizados pelas forças russas nos seus ataques diários a alvos civis ucranianos. Nos últimos anos, o regime de Teerão tem-se confrontado com múltiplos protestos a nível nacional, alimentados pela raiva face à situação económica, pelas reivindicações pelos direitos das mulheres e pelos apelos para que a autocracia religiosa do país mudasse. Em resposta aos protestos e ao conflito de junho, o Irão tem vindo a condenar prisioneiros à morte a um ritmo nunca visto desde 1988, quando executou milhares de pessoas no final da guerra Irão-Iraque. O grupo Iran Human Rights, sediado em Oslo, e o Centro Abdorrahman Boroumand para os Direitos Humanos no Irão, sediado em Washington, afirmam que mais de 1.000 pessoas foram executadas no Irão este ano. O número poderá ser mais elevado, uma vez que o Irão não comunica todas as execuções, segundo os relatos. **Fonte-Euro News**.

Mimistro israelita manifesta-se contra plano de paz de Trump



O ministro das Finanças israelita afirmou que abandonar a intensa campanha militar contra o Hamas representa "um fracasso político retumbante"

O ministro das Finanças israelita, Bezalel Smotrich, manifestou-se na passada terça-feira contra o plano de paz para Gaza apresentado pelo Presidente norte-americano, Donald Trump, que foi apoiado pelo primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu.

O acordo significa “regressar — após o massacre do Hamas em Israel de 7 de outubro e após dois anos de dedicação, coragem e sacrifício de um povo de leões, com custos dolorosos e conquistas dramáticas, graças a Deus e com a Sua ajuda em todas as frentes — ao velho conceito de deixar a nossa segurança nas mãos de estrangeiros e de fantasias de que alguém fará o trabalho por nós”, afirmou Smotrich na rede social X. “Trocar as conquistas concretas no terreno por ilusões políticas e render-se a um abraço diplomático de urso e a cerimónias brilhantes, a cânticos políticos de ‘dois Estados’ (...) representa um regresso ao conceito de Oslo”, continuou Smotrich. Para o ministro de extrema-direita, que faz parte do Governo de Netanyahu, com esta proposta dos Estados Unidos, Israel está a “perder uma oportunidade histórica” de “libertar-se das correntes de Oslo”, referindo-se aos acordos assinados na capital norueguesa em 1993 entre o então primeiro-ministro israelita Yitzhak Rabin e o líder palestiniano Yasser Arafat.

O ministro das Finanças israelita afirmou que aceitar esta iniciativa e abandonar a intensa campanha militar contra o Hamas representa “um fracasso político retumbante, fechar os olhos e virar as costas a todas as lições do 7 de outubro”, alertando que tal atitude “também terminará em lágrimas”.

O responsável israelita referiu que “consultará, avaliará e decidirá” sobre esta proposta sem, para já, ameaçar abandonar o Governo de coligação de Benjamin Netanyahu. O “acordo de paz” para Gaza apresentado na passada segunda-feira por Trump na Casa Branca, juntamente com o primeiro-ministro israelita, contempla a criação de um Governo de transição sem a presença do Hamas e supervisionado pelo presidente dos EUA, a desmilitarização da Faixa de Gaza e inclui a possibilidade de negociar um futuro Estado palestiniano. Nas últimas horas, Netanyahu afirmou, no entanto, que nessa reunião não concordou com Trump sobre o estabelecimento de um Estado palestiniano.
Fonte-Observador.

Hamas quer alterar cláusula de desarmamento no plano de Trump, diz fonte próxima aos líderes do grupo



Autoridades do Hamas querem emendas às cláusulas sobre desarmamento do plano de paz do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para Gaza, segundo uma fonte palestina próxima à liderança do grupo. Os negociadores do Hamas discutiram na passada terça-feira com autoridades turcas, egípcias e do Qatar em Doha, disse a fonte, pedindo anonimato para discutir assuntos delicados e acrescentando que o grupo precisava de "dois ou três dias no máximo" para responder. O plano de Trump, apoiado pelo primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, pede um cessar-fogo, a libertação de reféns pelo Hamas em 72 horas, o desarmamento do grupo e uma retirada gradual de Israel de Gaza.

Mas a fonte palestina disse: "O Hamas quer alterar algumas das cláusulas, como a do desarmamento e da expulsão do Hamas e dos quadros das facções". Os líderes do Hamas também querem "garantias internacionais para uma retirada israelense total da Faixa de Gaza" e garantias de nenhum assassinato dentro ou fora do território. Seis pessoas foram mortas em um ataque israelense contra autoridades do Hamas reunidas em Doha para discutir uma proposta de cessar-fogo anterior no mês passado.

A fonte disse que o Hamas também estava em contacto com "outras partes regionais e árabes", sem dar detalhes. Outra fonte familiarizada com as negociações disse à AFP que o grupo palestino estava dividido sobre o plano de Trump. "Até agora, há duas visões dentro do Hamas: a primeira apoia a aprovação incondicional porque o importante é ter um cessar-fogo garantido por Trump, desde que os mediadores garantam a implementação do plano por Israel", disse a fonte, também pedindo anonimato pelas mesmas razões. Mas outros têm "grandes reservas em cláusulas importantes", acrescentou a fonte. "Eles rejeitam o desarmamento e que qualquer cidadão palestino seja retirado de Gaza", disse a fonte. "Eles apoiam um acordo condicional com esclarecimentos que levem em conta as demandas do Hamas e das facções da resistência para que a ocupação da Faixa de Gaza não seja legitimada enquanto a resistência for criminalizada", acrescentaram. "Algumas facções rejeitam o plano, mas as discussões estão em andamento e as coisas ficarão mais claras em breve." **Fonte-Reuters**.

Mimistros do G7 terão como alvo aqueles que estão aumentando as compras de petróleo da Rússia



Bandeiras são retratadas durante a primeira sessão de trabalho dos ministros das Relações Exteriores do G-7 em Muenster, Alemanha.

Os ministros das Finanças do G7 prometeram ontem quarta-feira mirar aqueles que continuam a intensificar as compras de petróleo russo, desde a invasão da Ucrânia por Moscovo, há mais de três anos. Em um comunicado após uma reunião virtual, autoridades do Grupo das Sete economias avançadas - Grã-Bretanha, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão e Estados Unidos - concordaram que é hora de "maximizar a pressão sobre as exportações de petróleo da Rússia".

Isso afectaria a receita de que Moscovo precisa para a guerra. "Visaremos aqueles que continuam a aumentar sua compra de petróleo russo desde a invasão a Ucrânia e aqueles que estão facilitando a evasão", disseram os ministros em um comunicado conjunto. Eles acrescentaram que concordaram com "a importância das medidas comerciais, incluindo tarifas" e proibições de importação ou exportação nos esforços para cortar as receitas russas.

Os países também estão considerando "seriamente as medidas comerciais e outras restrições a países e entidades que estão ajudando a financiar os esforços de guerra da Rússia, inclusive em produtos refinados provenientes do petróleo russo".

A declaração veio depois que os Estados Unidos indicaram no mês passado que estavam prontos para ampliar as tarifas direcionadas aos compradores de petróleo russo se a União Europeia tomar medidas semelhantes.

O presidente Donald Trump, que participou em conversas entre os Estados Unidos e autoridades da UE, levantou a possibilidade de tarifas entre 50% e 100% visando compradores de petróleo como China e Índia, de acordo com uma autoridade. Em setembro, a Comissão Europeia também disse que estava trabalhando na possível imposição de tarifas sobre as importações de petróleo russo para o bloco, diante da pressão de Trump. O líder dos EUA exigiu que a Europa encerrasse as importações de energia de Moscovo, antes de concordar em avançar com as sanções contra a Rússia. Os ministros do G7 planejam se reunir novamente à margem das reuniões anuais do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em Washington este mês. **Fonte-Reuters.**

Trump diz que Xi Jinping usa soja como tática de negociação antes das negociações



O presidente dos EUA, Donald Trump e o presidente chinês Xi Jinping.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse ontem quarta-feira que a soja será um importante tópico de discussão quando se reunir com o presidente chinês, Xi Jinping. "Os produtores de soja do nosso país estão sendo prejudicados porque a China está, apenas por razões de 'negociação', não comprando", escreveu Trump no Truth Social. Os importadores chineses ainda não compraram soja da safra de outono dos EUA durante a guerra comercial entre Washington e Pequim, custando aos agricultores americanos bilhões de dólares em vendas perdidas. O outono é a principal época de comercialização da soja dos EUA, pois os agricultores trazem safras frescas de seus campos. No entanto, a China, maior importadora de soja do mundo, voltou-se para a América do Sul em busca de suprimentos, pressionando os preços da soja nos EUA.

Fonte-Reuters.

Como as ações secretas dos EUA deixaram um legado de instabilidade na região



DR. TURKI FAISAL AL-RASHEED

01 de outubro de 2025



O poder de veto de Washington na ONU isola Israel, mas corrói a posição dos EUA.

Por que a paz duradoura permanece ilusória no Médio Oriente? Por que a crise climática piora apesar das promessas internacionais? Por que a desigualdade aumenta no mundo árabe e no mundo, mesmo com a expansão das economias? Por que a direita populista está surgindo em todo o mundo? E o que acontecerá quando a inteligência artificial e a

automação perturbarem os mercados de trabalho? As explicações tradicionais muitas vezes erram o alvo, abordando os sintomas superficiais enquanto ignoram as causas estruturais mais profundas.

Como os médicos que tratam uma doença diagnosticada incorretamente, os formuladores de políticas frequentemente exacerbam os problemas ao não identificar os principais factores que moldam nossa era. No centro de grande parte da agitação global está a intervenção secreta dos EUA nos mundos árabe e islâmico, que projectaram instabilidade e moldaram estruturas sociopolítico-econômicas que amplificam esses desafios. Ao expor essas forças subjacentes, podemos ir além dos paliativos para combater as causas profundas, abrindo caminho para uma transformação genuína e um futuro melhor.

Desde meados do século 20, os mundos árabe e islâmico sofreram uma torrente de golpes militares que alteraram profundamente seu terreno político, começando com a destituição do presidente democraticamente eleito da Síria Shukri Al-Quwatli em 1949 e se estendendo até o cenário volátil de hoje.

Este artigo postula que os EUA desempenharam um papel fundamental na engenharia ou endosso desses golpes para promoverem suas agendas geopolíticas e econômicas. Os principais impulsionadores incluíram eclipsar o domínio colonial britânico persistente, obter domínio sobre recursos vitais como o petróleo, fortalecer a posição de Israel como parceiro estratégico e coagir as nações a influenciar os preços globais do petróleo.

Fundamentado em textos seminais como "Lords of the Desert", de James Barr, e "Covert Regime Change", de Lindsey A. O'Rourke, este exame critica o intervencionismo dos EUA como o principal instigador de conflitos regionais prolongados. Embora reconheça o intrincado contexto da Guerra Fria, argumento que essas manobras favoreceram vantagens imediatas em relação à paz duradoura, gerando um governo autoritário e um ressentimento antiamericano profundamente arraigado. Em nenhum lugar isso é mais evidente do que na abordagem dos EUA à ocupação israelense da Palestina, onde políticas deliberadas de "anti-solução" sustentam a ocupação para se alinhar com interesses estreitos.

Após a Segunda Guerra Mundial, o domínio imperial da Grã-Bretanha no Médio Oriente se desgastou em meio ao crescente fervor nacionalista árabe e judeu. Como Barr elucida, os EUA capitalizaram essa erosão, implantando manobras diplomáticas, alavancagem econômica e operações sombrias para deslocar o domínio britânico. Arquivos desclassificados expõem uma feroz disputa anglo-americana, com Washington se concentrando em infraestrutura de energia e pactos de defesa para consolidar sua supremacia.

Na década de 1950, a postura dos Estados Unidos evoluiu da defesa anticolonial para uma forma de neoimperialismo, favorecendo golpes militares como substitutos eficientes e discretos para a invasão directa. Essas convulsões sustentaram governos flexíveis, frustrando as incursões soviéticas enquanto preservavam os direitos do petróleo e as defesas de Israel. Esse pivô enquadrou figuras nacionalistas como perigos para os objectivos dos EUA, levando a alianças com autocratas militares sintonizados com os imperativos ocidentais e lançando as bases para gerações de intromissão.

A "era dos golpes" começou em 1949, transformando as forças armadas em instrumentos de mudança orquestrada por estrangeiros. Com base em evidências históricas, rastreio golpes cruciais em três épocas, destacando a cumplicidade dos EUA.

A fase inicial (1949-1960), aprimorou o manual secreto da América. Na Síria (1949), a CIA projectou a tomada do poder pelo brigadeiro-general Husni Al-Za'im de Al-Quwatli, impulsionada pela oposição do presidente ao oleoduto Trans-Arábico. Evidências de arquivo confirmam o apoio dos EUA, sendo pioneiros em intervenções rápidas e discretas para proteger os interesses econômicos.

A revolução egípcia de 1952, viu os Oficiais Livres, sob o comando de Gamal Abdel Nasser, depor o Rei Farouk. Embora enraizado no nacionalismo doméstico, agentes da CIA como Miles Copeland ofereceram ajuda crucial, vendo Nasser como um baluarte contra o comunismo até que suas ambições pan-árabes se chocassem com as visões dos EUA.

No Irão, a Operação Ajax de 1953, uma joint venture CIA-MI6, derrubou o primeiro-ministro Mohammed Mossadegh depois que sua nacionalização da indústria petrolífera colocou em risco as empresas ocidentais. Reforçando o Xá Mohammed Reza Pahlavi por meio de subornos e desinformação, garantiu a estabilidade do petróleo e restringiu o alcance soviético.

O golpe de 1958 no Sudão, liderado pelo General Ibrahim Abboud, se encaixou com os objectivos ocidentais de fortalecer regimes alinhados, embora os laços explícitos com os EUA sejam mais obscuros.

Esses eventos forjaram um modelo: neutralizar líderes que desafiaram a hegemonia de recursos ou blocos anticomunistas.

Na fase intermediária (1961-1980), a escalada das tensões da Guerra Fria ampliou as intrusões dos EUA.

O golpe baathista do Iraque em 1963, contra o primeiro-ministro Abdul-Karim Qasim recebeu assistência da CIA, pois os EUA estavam alarmados com seus laços soviéticos e reformas do petróleo. A agência forneceu listas de alvos para eliminações comunistas, instalando Abdul Salam Arif em meio à turbulência em curso.

A expulsão de Ahmed Ben Bella pela Argélia em 1965, por Houari Boumediene recebeu a aprovação dos EUA para conter as tendências socialistas.

A revolução líbia de 1969, liderada por Muammar Gaddafi contra o Rei Idris, explorou a retirada britânica. Washington inicialmente acomodou a inclinação anticomunista de Kadaffi, mas as fendas se abriram mais tarde.

O golpe de Estado do Sudão em 1969, sob Gaafar Nimeiry obteve o endosso parcial do Ocidente para neutralizar as ameaças esquerdistas.

Esta era ressaltou impulsos hegemônicos, recalibrando as nações para as prioridades americanas.

Os golpes da fase contemporânea (1981-2025), viram uma mudança de foco, inclusive para o contraterrorismo.

O "golpe médico" da Tunísia em 1987, por Zine El-Abidine Ben Ali contra Habib Bourguiba atraiu o consentimento tácito dos EUA para preservar a ordem.

A ascensão de Omar Bashir no Sudão em 1989, inicialmente desfrutou da clemência americana, antes que as sanções relacionadas ao terrorismo fossem impostas.

O golpe fracassado de 2016, contra o presidente turco Recep Tayyip Erdogan alimentou alegações infundadas de ligações com os EUA por meio do clérigo exilado Fethullah Gulen.

Os golpes de Estado de 2020-2021 no Mali, no meio de perigos insurgentes, trouxeram as marcas da influência dos EUA através de iniciativas de formação.

Desde 1949, mais de 50 golpes devastaram a região, muitos deles ligados às buscas dos EUA pelo anticomunismo, salvaguardas de recursos ou segurança autodefinida.

À medida que o poder britânico recuava, os Estados Unidos adoptaram revisões secretas, de acordo com O'Rourke. **Entre 1947 e 1989**, Washington lançou 64 desses esforços - abrangendo golpes, assassinatos e adulteração de votos - categorizados como ofensivos (para destruir coalizões rivais), preventivos (para bloquear perigos emergentes) ou hegemônicos (para impor obediência).

Esses empreendimentos freqüentemente eram um bumerangue, entrincheirando ditaduras e alimentando uma reação anti-americana. Em essência, essa estratégia corroeu as instituições democráticas, favorecendo a supervisão militarizada para dominar activos como petróleo e água e proteger Israel. Embora as razões de segurança tivessem mérito, os movimentos dos Estados Unidos muitas vezes elevaram as vitórias táticas e financeiras acima da prosperidade regional.

A posição dos Estados Unidos sobre a ocupação israelense da Palestina resume um paradigma anti-solução, ecoando o ethos de Henry Kissinger de gerenciar em vez de resolver disputas. Desde a sabotagem da Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU na era Nixon em 1972, os EUA se esquivaram de afirmar a soberania palestina, classificando as negociações como infinitamente discutíveis para se inclinar em direcção a Israel. Os Acordos de Oslo permitiram ganhos israelenses sem quaisquer concessões, sustentando conflitos por benefícios mútuos EUA-Israel. A crise em curso em Gaza ressalta o endosso dos EUA às táticas de Israel, incluindo indícios de deslocamento étnico expressos por autoridades israelenses.

No entanto, com mais de 150 nações, incluindo aliados dos EUA como França e Reino Unido, agora reconhecendo a Palestina, o controle EUA-Israel sobre a diplomacia está enfraquecendo. O poder de veto de Washington na ONU isola Israel, mas corrói a posição dos EUA, à medida que o sentimento internacional gira em direcção a um envolvimento mais amplo. Ferramentas como a resolução "Unidos pela Paz" podem contornar vetos, forçando mudanças. Essa evolução, que lembra o impacto duradouro da Declaração Balfour, desmascara as falhas na "paz" mediada pelos EUA, que é motivada mais pela estratégia e economia do que pela equidade.

Por meio de golpes institucionalizados e operações clandestinas, os EUA comandaram as esferas árabe e islâmica, suplantando os remanescentes britânicos com métodos que geraram discórdia crônica. Desde 1949, essas intervenções perseguiram vitórias fugazes, domínio de recursos, proteção israelense e contenção ideológica ao custo de uma paz duradoura, gerando autocracia e animosidade.

No entanto, os prenúncios da mudança são abundantes: a Visão Saudita 2030 do Reino, uma ordem mundial multipolar e os esforços globais para internacionalizar a questão palestina sinalizam o declínio da hegemonia dos EUA. Para transcender essa sombra, devemos confrontar os pedágios da intervenção e defender resoluções justas que honrem a autonomia regional e o bem-estar coletivo em vez de projectos imperiais ultrapassados.

O Dr. Turki Faisal Al-Rasheed é professor adjunto da Faculdade de Agricultura, Ciências da Vida e Ambientais da Universidade do Arizona, no Departamento de Engenharia de Biossistemas. Ele é o autor de "Estratégias de Desenvolvimento Agrícola: A Experiência Saudita". X: @TurkiFRasheed

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

